

6-11-20
11687

BOLETIM DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

DIRECTOR
JOAQUIM LEITÃO

NOVA SÉRIE—VOL. XXIV
OUTUBRO DE 1952



LISBOA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
1952

Sessão Comemorativa do Centenário de D. João da Câmara em 23 de Outubro de 1952

SUMÁRIO: — Notáveis palavras do Presidente da Academia,
Sr. Júlio Dantas. — Magistral oração do Sr. Ramada Curto.

Na noite de 23 de Outubro de 1952, realizou-se no salão nobre da Academia a sessão comemorativa do Centenário de D. João da Câmara, a que assistiram além de pessoas de família do homenageado, altas individualidades, muitos académicos, tendo-se dignado assistir Sua Ex.^a o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Sr. Dr. Miguel Homem de Sampaio e Melo.

Presidiu o Sr. Júlio Dantas, que tinha à direita, os Srs. Moses Amzalak e Ramada Curto e à esquerda os Srs. Pereira Forjaz e Joaquim Leitão.

O Sr. Júlio Dantas, ao assumir a presidência, apresentou os seus cumprimentos às altas individualidades presentes e disse as razões que levaram a Academia das Ciências a prestar o seu preito a D. João da Câmara. Ele fora, é certo, sócio correspondente da Academia; mas, mal se vislumbrava a sua passagem na vida daquela casa. Não era propriamente o académico que a velha Corporação celebrava na data do seu centenário; era o autor de tantas obras-primas que ensinaram o povo a sentir e a amar, glória literária da Nação, o dramaturgo que, ao lado de

Henrique Lopes de Mendonça, de Marcelino Mesquita, de Eduardo Schwalbach — friso deslumbrante de mestres — tornou possível, no fim do século passado, o período áureo do teatro português. Os títulos passam; as obras ficam, — porque são as obras e não os títulos que valem. Curvando-se perante a memória de D. João da Câmara, a Academia não se limitava a enaltecer um homem; celebrava uma geração, uma literatura e uma época. Não nos esqueçamos — disse — de que o teatro é o índice da civilização de um povo, e de que nenhuma outra actividade — nem o próprio cinema — pode substituir o teatro no seu esplendor literário e na sua função social.

E terminou, a sua breve alocução, saudando Ramada Curto, o orador da noite, «mestre da época áurea, que se enganou e nasceu quarenta anos depois, irmão mais novo de João da Câmara, cujas mãos trabalharam as *Meninas da Fonte da Bica*, no mesmo barro humano em que foram esculpidas as figuras imortais dos «Velhos».

Brilhantes aplausos coroaram as palavras do Sr. Júlio Dantas, que deu em seguida a palavra ao dramaturgo e Académico Sr. Ramada Curto que proferiu a seguinte oração:

SENHOR PRESIDENTE:

SENHORES ACADÉMICOS:

MINHAS SENHORAS:

MEUS SENHORES:

O Estatuto desta ilustre Companhia ou — quando não seja uma disposição positiva, — a praxe académica centenária, que faz lei, exige que sejam lidas todas as comunicações e discursos académicos.

Esta disposição traz consigo as mais pesadas responsabilidades. Mas alivia doutras talvez maiores.

Eu é a primeira vez que tenho a honra de falar nesta tribuna.

E francamente receava que aquela poeira que tenho colhido noutras, se tivesse de improvisar o que vos leio, diminuisse, por qualquer forma, o prestígio daquela de que vos falo.

As outras tribunas vivem de paixões e de controvérsias.

Neste lugar só é de admitir uma paixão — o amor pela obra do Espírito, pelo prestígio das letras portuguesas e o carinho e a admiração, por todos aqueles que as souberam prestigiar e servir. É por isso que a esta Companhia pertencem homens que podem ter, para além destas paredes, todas as opiniões que dividem, mas estão unidos aqui na mesma obra comum. As criações da Inteligência e da Beleza unem. Em todos os tempos houve espíritos ávidos de compreender e almas sequiosas de sentir. E eu não sei de paixão mais altruista e desinteressada. Eu tenho procurado servir essa paixão. Sem dúvida que mal — mas com inteira dedicação e sinceridade. E é talvez esse título o único que me trouxe a este lugar. Há outro ainda.

As Academias precisam ter no seu seio, a par dos grandes obreiros da Inteligência e dos grandes criadores da Beleza literária, uma que outra figura apagada cujo único título é a sua admiração por uns e outros e pelas suas obras. Procedendo assim as Academias dão ao Erro a parte necessária em todas as instituições humanas. É essa uma condição essencial da sua sobrevivência. É como que a válvula de segurança para o ódio dos despeitados por não terem sido escolhidos, porque nenhuma instituição se pode aguen-